

CHEGOU A HORA DE SE TORNAR UMA HEROÍNA

UMA  
DOBRA NO  
TEMPO

MADELEINE  
L'ENGLE

 Harper  
Collins

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



MADELEINE  
L'ENGLE

UMA  
DOBRA<sub>NO</sub>  
TEMPO



*livro 1*

tradução  
ÉRICO ASSIS



Harper  
Collins

Rio de Janeiro, 2017

Para baixar mais livros como esse, acesse: [e-Livros.xyz](http://e-Livros.xyz)



Copyright © 1962 by Crosswicks, Ltd.

Título original: A Wrinkle in Time

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Harper Collins Brasil, um selo da Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quintanda, 86, sala 218 - Centro - 20091-005

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Telefone: (21) 3175-1030

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L'Engle, Madeleine, 1918-2007

Uma dobra no tempo / Madeleine L'Engle ; tradução Érico Assis. - 1. ed. - Rio de Janeiro : HarperCollins , 2017.

Tradução de: A wrinkle in time  
Continua com: um vento à porta  
ISBN:9788595082205

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Assis, Érico. II. Título. III. Série.

17-44676 CDD: 028.5  
CDU: 087.5

Para Charles Wadsworth Camp  
e Wallace Collin Franklin

# Sumário

- [1. Sra. Quequeé](#)
  - [2. Sra. Quem](#)
  - [3. Sra. Qual](#)
  - [4. A Coisa Escura](#)
  - [5. O Tesseracto](#)
  - [6. A Médium Contente](#)
  - [7. O Homem dos Olhos Vermelhos](#)
  - [8. A Coluna Transparente](#)
  - [9. Aquele](#)
  - [10. Zero Absoluto](#)
  - [11. Tia Criatura](#)
  - [12. Os Tolos e os Fracos](#)
- [O Discurso de Agradecimento pela Medalha Newbery: O Universo em Expansão](#)
- [Posfácio](#)

Era uma noite escura e tempestuosa.

Margaret Murry estava no seu quarto, que ficava no sótão, enrolada na velha colcha de retalhos, sentada ao pé da cama e assistindo às árvores que se agitavam, açoitadas pelo vento. Por trás das árvores, nuvens frenéticas cruzavam o céu. De quando em quando via-se a lua, que criava sombras espectrais a correr pelo assoalho.

A casa tremia.

Meg, enrolada na colcha, tremia.

Ela não costumava ter medo dos elementos. *Não é só a meteorologia*, ela pensou. *É o tempo, acima de tudo. Acima de mim. Acima de mim, Meg Murry, que faço tudo errado.*

O colégio. Tudo no colégio estava errado. Ela tinha decaído até o último patamar da turma. Naquela manhã, uma de suas professoras resmungou com ela:

— Sinceramente, Meg. Não sei como uma criança com pais tão geniais pode ser tão fraca nos estudos. Se as suas notas não melhorarem, você vai ter que repetir de ano.

Na hora do almoço, ela havia brincado pesado para se sentir melhor, e uma das meninas implicou:

— Afinal de contas, Meg, não estamos mais na quarta série. Por que você continua se comportando como um bebê?

Então, a caminho de casa, seguindo pela estrada com os braços abarrotados de livros, um menino veio falar qualquer coisa a respeito do “irmãozinho lerdo” dela. No mesmo instante, ela jogou os livros no chão e atacou o menino com toda a força. Chegou em casa com a blusa rasgada e um roxão embaixo do olho.

Sandy e Dennys, seus irmãos gêmeos de dez anos, haviam chegado em casa uma hora antes e ficaram indignados.

— Quando precisar, deixe que nós brigamos — disseram-lhe eles.

*Uma delinquente, é isso que eu sou*, pensou Meg, desanimada. *Isso que vão começar a dizer. Não a Mãe. Eles. Todos os Outros. Queria que o Pai...*

Mas ainda não havia como pensar no pai sem risco de lágrimas. Era só a sua mãe que conseguia falar nele de modo natural. Ela dizia:

— Quando seu pai voltar...

Voltar de onde? E quando? Era certo que a mãe sabia do que os outros vinham falando, que estava a par das fofocas metidas e maldosas. Claro que esse falatório magoava tanto a ela quanto a Meg. Mas ela não deixava nada transparecer. Nada abalava a serenidade de seu semblante.

*Por que eu não consigo esconder também?*, Meg pensou. *Por que sempre tenho que mostrar tudo que eu sinto?*

A janela sacudia loucamente por conta do vento. Ela cobriu-se mais com a colcha. Um gatinho, uma bola de pelos cinzentos enrolada numa das almofadas, bocejou, esticou a língua rosada, acomodou a cabeça de novo e voltou a dormir.

Todos estavam dormindo. Todos, exceto a Meg. Até Charles Wallace, o “irmãozinho lerdo” que tinha

aquela capacidade excepcional de saber quando ela estava acordada e quando estava descontente, e que tantas noites subira a escada na ponta dos pés para acudi-la — até Charles Wallace continuava dormindo.

Como que eles conseguiam? O rádio havia passado o dia dando alertas de furacão. Como conseguiam deixá-la no sótão, naquela cama bamba de latão, sabendo que o vento podia arrancar o telhado da casa? Que ela podia ser arremessada ao insano céu noturno e ir parar sabe-se lá onde?

Sua tremedeira ficou incontrolável.

*Você que pediu o quarto do sótão*, ela falou, com raiva, para si mesma. *A Mãe deixou que ficasse porque você é a mais velha. É um privilégio, não um castigo.*

— Na hora do furacão, não é privilégio — disse ela, dessa vez em voz alta. Jogou a colcha no pé da cama e se levantou. O gatinho se espreguiçou com gosto e fitou-a com olhos tão grandes quanto inocentes.

— Pode dormir de novo — disse Meg. — Agradeça por ser um gatinho e não uma monstra que nem eu. — Ela se olhou no espelho do guarda-roupa e fez uma carranca, exibindo os dentes cobertos pelo aparelho. Ajeitou automaticamente os óculos, passou os dedos pelo cabelo castanho-acinzentado para deixar as pontas bagunçadas de pé e soltou um suspiro tão sonoro quanto o vento.

Seus pés descalços sentiram o frio nas tábuas largas do piso. O vento soprava pelas frestas da janela, apesar da proteção extra contra tempestades que o caixilho deveria oferecer. Ela ouvia o vento uivando nas chaminés. Ouvia, lá do andar de baixo, Fortinbrás, o cachorrão preto, começando a latir. Ele também devia estar assustado. Mas por que latia? Fortinbrás nunca latia sem motivo.

De repente ela se lembrou que, quando passara no correio para buscar a correspondência, ouviu falar de um andarilho que supostamente havia roubado doze lençóis da Sra. Buncombe, a esposa do chefe de polícia. Ainda não haviam encontrado o indigente. E se ele estivesse de olho na casa dos Murry, já que era isolada de quase tudo? Desta vez, quem sabe, ele podia querer mais que só lençóis. Na hora, Meg não prestou muita atenção na conversa sobre o andarilho porque a atendente do correio, com seu sorrisinho açucarado, perguntou se ela tinha notícias do pai.

Ela deixou seu quatinho e foi trilhando as sombras do sótão. Deu um encontrão na mesa de pingue-pongue. *Agora, além de tudo, vou ficar com um roxão na coxa*, pensou.

Em seguida, ela pisou na própria casa de bonecas, no cavalinho de Charles Wallace, no ferrorama dos gêmeos.

— Por que tudo isso acontece comigo? — perguntou ela a um ursão de pelúcia.

Depois de descer a escada, ela ficou parada e atenta. Não se ouvia barulho algum vindo do quarto de Charles Wallace, à direita. À esquerda, no quarto dos pais, nem um ruído da mãe, que dormia sozinha na ampla cama de casal. Ela seguiu pelo corredor na ponta dos pés e espiou o quarto dos gêmeos, ajustando os óculos mais uma vez, como se eles fossem ajudá-la a enxergar no escuro. Dennys roncava. Sandy balbuciou alguma coisa sobre beisebol e ficou quieto. Os gêmeos não tinham problemas. Não eram os melhores alunos da sala, mas também não iam mal. Estavam satisfeitos com uma sucessão de Bs e, vez por outra, um A ou um C. Eram fortes, bons corredores, bons nos esportes e, quando alguém fazia uma piadinha com a família Murry, nunca era com Sandy e Dennys.

Ela deixou o quarto dos gêmeos e continuou a descer a escada. Evitou o sétimo degrau, o que rangia. Fortinbrás havia parado de latir. Então não era o andarilho, pelo menos não desta vez. Se houvesse alguém por ali, Fortin seguiria latindo.

*Mas e se o andarilho vier? E se ele tiver uma faca? Ninguém mora aqui por perto e ninguém nos ouviria gritar sem parar. E de qualquer jeito, ninguém ia dar bola.*

*Vou fazer um chocolate*, ela decidiu. *Assim eu me animo. E, se o furacão arrancar o telhado, pelo menos eu não vou junto.*

Já havia uma luz acesa na cozinha. Charles Wallace estava sentado à mesa bebendo leite e comendo pão com geleia. Ali, sentado, sozinho, naquela cozinha grande e antiquada, ele parecia uma coisa minúscula e indefesa. Um garotinho loiro com seu pijama Dr. Dentons azul desbotado, os pés pendendo a

pelo menos quinze centímetros do chão.

— Oi — disse ele, todo alegre. — Estava esperando por você.

Debaixo da mesa, aos pés de Charles Wallace, torcendo por uma ou duas migalhas, Fortinbrás ergueu a cabeça esguia e escura para receber Meg, o rabo batendo no chão. Fortinbrás aparecera na porta deles numa noite de inverno, ainda quase um filhote, mirrado e abandonado. Conforme a conclusão do Pai, era uma cruz de *setter* com galgo. Sua beleza negra e esbelta era só sua.

— Por que você não subiu no sótão? — perguntou Meg ao irmão, falando como se ele tivesse pelo menos a idade dela. — Eu estava morrendo de medo.

— Venta muito no seu sótão — disse o garotinho. — Sabia que você ia descer. Coloquei um pouco de leite no fogão pra você. Já deve estar quente.

Como é que Charles Wallace sempre sabia tudo que se passava com ela? Como ele adivinhava? Ele nunca sabia — ou não dava bola para — o que pensavam Dennys e Sandy. Quanto às mentes da mãe e de Meg, por outro lado, era como se ele conseguisse sondá-las com precisão assustadora.

Seria o medo que fazia as pessoas cochicharem sobre o filho mais novo dos Murrays, dizendo que ele não era muito esperto? “Ouvi dizer que gente brilhante tem filhos abaixo da média”, Meg já entreouvira. “Os dois garotos parecem crianças de bem, normais. Mas a feiosinha e o bebê não batem bem.”

Sim, Charles Wallace raramente falava se houvesse outras pessoas por perto. Era por isso que muitos achavam que ele nunca aprendera a falar. E sim, ele só abrira a boca para falar com quase quatro anos. Meg ficava em fúria ardente quando pessoas olhavam para ele com cara de reprovação, balançando a cabeça com a cara triste.

— Não se preocupe com o Charles Wallace, Meg — dissera seu pai uma vez. Meg se lembrava muito bem, porque havia sido pouco antes de ele ir embora. — Não há nada de errado com a cabecinha dele. É que ele faz tudo a seu modo e a seu tempo.

— Não quero que ele cresça e fique lerdo que nem eu — dissera Meg.

— Ah, minha querida, mas você não é lerda — respondera o pai. — Você é igual ao Charles Wallace. O desenvolvimento de vocês tem que ser no ritmo próprio. E, por acaso, não é o ritmo normal.

— Como que o senhor *sabe*? — insistiu Meg. — Como *sabe* que eu não sou lerda? Não é só porque me ama?

— Eu amo você, mas não é por isso que eu sei. A Mãe e eu fizemos testes com vocês, lembra?

Sim, era verdade. Meg percebera que alguns dos “jogos” que brincava com os pais eram algum tipo de teste e também que faziam mais desses testes com ela e Charles Wallace do que com os gêmeos.

— Testes de QI, o senhor quer dizer?

— Sim, alguns eram.

— O meu QI é bom?

— Mais que bom.

— Quanto é?

— Isso eu não vou dizer. Mas ele me garante que tanto você quanto Charles Wallace poderão fazer praticamente o que quiserem quando forem grandes. Espere só até Charles Wallace começar a falar. Você vai ver.

E ele estava muito certo, embora tivesse partido antes de Charles Wallace começar a falar. O garotinho começou de uma hora para outra, sem as preliminares normais de um bebê, direto em frases completas. Que orgulho o Pai teria!

— É melhor você ver o leite — disse Charles Wallace a Meg, no presente, com a dicção mais clara e concisa do que a maioria das crianças de cinco anos. — Você sabe que não gosta quando forma uma camada em cima.

— Você serviu mais que o dobro de leite que precisava. — Meg espiou na panela.

Charles Wallace apenas concordou, sereno.

— Achei que a Mãe também ia gostar.

— Eu ia gostar do quê? — disse uma voz. Lá estava a mãe dos dois, parada na porta.

— De um chocolate quente — disse Charles Wallace. — Você quer um sanduíche de cream cheese com salsicha de fígado? Posso preparar um para você.

— Seria excelente — disse a Sra. Murry —, mas posso fazer, se você estiver ocupado.

— Sem problema. — Charles Wallace desceu da cadeira e foi de trote até a geladeira, os pés do pijama tocando o chão suavemente, como patinhas de gato. — E você, Meg? — perguntou ele. — Sanduíche?

— Sim, por favor — disse ela. — Mas sem salsicha. Temos tomate?

Charles Wallace espiou o compartimento de legumes da geladeira.

— Só um. Tudo bem se eu usar no sanduíche da Meg, Mãe?

— E que uso melhor ele teria? — A Sra. Murry sorriu. — Mas fale mais baixo, Charles, por favor. Quer dizer, a não ser que você queira que os gêmeos desçam também.

— Vamos continuar na nossa privacidade — disse Charles Wallace. — Essa é a palavra que eu aprendi hoje. Impressionante, não é?

— Estupenda — disse a Sra. Murry. — Meg, deixe eu ver esse roxão.

Meg se ajoelhou aos pés da mãe. O aconchego e a iluminação da cozinha haviam deixado-a tão tranquila que seu medo do sótão havia passado. O chocolate exalava um vapor perfumado da panela; gerânios brotavam do parapeito das janelas; havia um buquê de minicrisântemos amarelos no meio da mesa. As cortinas, vermelhas com desenhos geométricos em azul e verde, estavam fechadas, e pareciam refletir a alegria no recinto. O forno ronronava como um grande animal adormecido; as luzes irradiavam um brilho constante; lá fora, na solidão do escuro, o vento ainda assolava a casa. Mas aquela potência raivosa que assustara Meg quando ela estava sozinha no sótão fora vencida pelo aconchego familiar da cozinha. Sob a cadeira da Sra. Murry, Fortinbrás soltou um suspiro de contentamento.

A Sra. Murry tocou delicadamente a bochecha machucada de Meg. A filha olhou para a mãe, em parte com admiração amorosa, em parte com ressentimento emburrado. Não era uma vantagem ter uma mãe que era cientista e linda. Os cabelos ruivos flamejantes da Sra. Murry, sua pele cremosa e seus olhos violeta com longos cílios escuros ficavam ainda mais espetaculares quando comparados à sem-gracice ultrajante da filha. O cabelo de Meg só era aceitável quando ela o usava bem preso e com tranças. Quando entrou no ensino médio o deixara curto. Agora Meg e a mãe lutavam para lhe dar jeito, mas um lado saía crespo, e o outro, liso. E assim ela ficara ainda mais sem graça que antes.

— Você não sabe o que é ser comedida, não é, querida? — perguntou a Sra. Murry. — Eu me pergunto se um dia você vai chegar a um *medium*, a um meio-termo que a deixe *contente*. Foi um roxão feio, esse que o menino dos Henderson deixou em você. A propósito, a mãe dele me telefonou pouco antes de você ir para a cama e reclamou do quanto você o machucou. Eu respondi que, como ele tem um ano e pelo menos dez quilos a mais, quem deveria reclamar era eu. Mas, aparentemente, ela achava que a culpa era toda sua.

— Eu acho que depende do ponto de vista — disse Meg. — O normal é que, independente do que acontecer, as pessoas sempre vão achar que a culpa é minha, mesmo que eu não tenha nada a ver com a situação. Mas peço desculpas por ter entrado numa briga com ele. É que essa semana foi horrível. E eu estou cheia de sensações ruins.

A Sra. Murry mexeu nos cabelos desgrenhados de Meg.

— E sabe por quê?

— Eu odeio ser a estranhinha — disse Meg. — É difícil pro Sandy e pro Dennys também. Não sei se eles são iguais a todo mundo ou só fingem. Eu tento fingir, mas não funciona.

— Você é muito sincera para fingir que é o que não é — disse a Sra. Murry. — Desculpe, Megleta. Se o Pai estivesse aqui, quem sabe ele pudesse ajudar. Mas acho que não tenho o que fazer, fora pedir que

agente mais um pouco. Então, tudo vai ser mais fácil. Mas isso não ajuda muito agora, não é?

— Quem sabe se a minha cara não fosse tão horrenda... se eu fosse bonita que nem você...

— A Mãe não é nem um pouco bonita; ela é linda — pronunciou-se Charles Wallace enquanto fatiava a salsicha de fígado. — E por isso, eu aposto que ela era medonha na sua idade.

— E está muito certo — disse a Sra. Murry. — Espere mais um pouco, Meg.

— Quer alface no seu sanduíche, Mãe? — perguntou Charles Wallace.

— Não, obrigada.

Ele cortou o sanduíche, arrumou no prato e serviu à mãe.

— O seu sai em um minuto, Meg. Acho que vou falar de você à Sra. Quequeé.

— Quem é a Sra. Quequeé? — perguntou Meg.

— Acho que vou passar mais algum tempo com ela na minha privacidade — disse Charles Wallace. — Quer tempero de cebola?

— Sim, por favor.

— O que quer dizer Sra. Quequeé? — perguntou a Sra. Murry.

— É o nome dela — respondeu Charles Wallace. — Sabe a casa velha na floresta, aquela que as crianças não chegam perto porque dizem que é assombrada? É lá que elas moram.

— Elas?

— A Sra. Quequeé e suas duas amigas. Eu estava passeando com Fortinbrás uns dias atrás... você e os gêmeos estavam no colégio, Meg. Nós gostamos de caminhar pela floresta. De repente, ele saiu em disparada atrás de um esquilo, eu disparei atrás dele e fomos parar na casa assombrada. Acabei conhecendo as três por acidente, pode-se dizer.

— Mas ninguém mora naquela casa — disse Meg.

— Sim, moram a Sra. Quequeé e as amigas. E elas são muito agradáveis.

— Por que não me contou isso antes? — perguntou a Sra. Murry. — E você sabe que não tem permissão para sair de perto de casa, Charles.

— Eu sei — disse Charles. — Um dos motivos pelos quais não contei. Saí correndo atrás de Fortinbrás sem pensar. E então decidi que, enfim, melhor guardá-las para uma emergência.

Uma nova rajada de vento acometeu a casa, fazendo-a tremer. Então, de repente, a chuva começou a açoitar as janelas.

— Acho que não estou gostando desse vento — disse Meg, nervosa.

— Com certeza vamos perder umas telhas — disse a Sra. Murry. — Mas esta casa está de pé há quase duzentos anos e acho que vai durar um pouco mais, Meg. Essa colina já passou por muitas ventanias.

— Mas é um furacão! — berrou Meg. — A rádio não parava de dizer que era um furacão!

— Estamos no outono — respondeu a Sra. Murry. — Já tivemos tempestades de outono.

Enquanto Charles Wallace entregava o sanduíche a Meg, Fortinbrás saiu de baixo da mesa. Soltou um grunhido baixo e prolongado, e a família viu o pelo negro se eriçar nas suas costas. Meg sentiu até a própria pele se eriçar.

— Qual é o problema? — perguntou ela, nervosa.

Fortinbrás ficou olhando para a porta que dava para o laboratório da Sra. Murry, que ficava na antiga despensa para queijos conjugada à cozinha. Passando o laboratório, outra despensa levava para a rua, embora a Sra. Murry tivesse sido bastante clara ao instruir a família para entrar na casa sempre pela porta da garagem ou da frente, nunca pelo laboratório. Mas era para a porta do laboratório, não da garagem, que Fortinbrás rosnava.

— Por acaso a senhora não deixou um composto químico fedorento cozinhando no bico de Bunsen, deixou, Mãe? — perguntou Charles Wallace.

A Sra. Murry pôs-se de pé.

— Não. Mas, de qualquer modo, é bom ir ver o que está incomodando tanto o Fortin.

— É o andarilho, tenho certeza que é o andarilho — disse Meg, nervosa.

— Que andarilho? — perguntou Charles Wallace.

— No correio, hoje à tarde, estavam dizendo que um andarilho roubou todos os lençóis da Sra. Buncombe.

— Então é melhor prendermos nossas fronhas — disse a Sra. Murry, com toda calma. — Imagino que nem mesmo um andarilho sairia por aí numa noite dessas, Meg.

— Mas deve ser justamente por isso que ele *saiu por aí* — gritou Meg. — Para encontrar um lugar que não seja lá fora.

— Se for o caso, ofereço o celeiro para ele passar a noite.

A Sra. Murry caminhou decidida até a porta.

— Eu vou junto.

A voz de Meg saiu estridente.

— Não, Meg. Você vai ficar com Charles e terminar seu sanduíche.

— Sanduíche! — Meg exclamou enquanto a Sra. Murry ia ao laboratório. — Como ela acha que eu vou conseguir comer?

— A Mãe sabe cuidar de si — disse Charles. — Em termos corporais, digo.

Mas ele estava sentado no lugar do pai à mesa e seus pés batiam nas pernas da cadeira; e Charles Wallace, diferente da maioria das crianças pequenas, tinha a capacidade de se sentar e ficar quieto.

Depois de alguns instantes que, para Meg, pareceram uma eternidade, a Sra. Murry retornou, segurando a porta aberta para... aquele era o andarilho? Parecia pequeno demais para o que Meg imaginava que fosse um andarilho. Era impossível dizer sua idade ou sexo, pois o ser estava totalmente coberto pelas roupas. Eram lenços diversos e de cores variadas amarrados na cabeça, mais um chapéu masculino de feltro empoleirado no topo. Um cachecol rosa-choque fazia um nó em cima de um sobretudo áspero. Botas de borracha preta cobriam os pés.

— Sra. Quequeé — falou Charles com tom desconfiado —, o que está fazendo aqui? E a essa hora da noite?

— Ora, não se preocupe, meu querido. — Uma voz emergiu do meio da gola levantada do casaco, do cachecol, dos lenços e do chapéu. Uma voz que parecia um portão de ferro precisando de óleo, mas que, de alguma forma, não soava desagradável.

— A senhora, hã, Quequeé disse que se perdeu — falou a Sra. Murry. — Gostaria de um chocolate quente, Sra. Quequeé?

— Encantada, pois sim — respondeu a Sra. Quequeé, tirando o chapéu e o cachecol. — Nem tanto me perdi, mas sim o vento que me tirou da rota. E quando percebi que estava perto da morada do nosso pequeno Charles, pensei em entrar e descansar só um pouquinho antes de seguir rumo.

— Como sabia que era a casa de Charles Wallace? — perguntou Meg.

— Pelo cheiro. — A Sra. Quequeé desatou um lenço com estampa *paisley* em tons de azul e verde, outro com estampa de flores vermelhas e amarelas, um outro de estampa dourada *liberty* e mais uma bandana rubro-negra. Embaixo de tudo isso, o cabelo grisalho e ralinho estava preso com um nó, pequeno mas bem amarrado no coco. Seus olhos eram claros, seu nariz era uma gota redonda e delicada, sua boca era franzida como uma maçã no outono. — Nossa, mas como é aconchegante aqui dentro — disse ela.

— Sente-se, por favor. — A Sra. Murry apontou uma cadeira. — Gostaria de um sanduíche, Sra. Quequeé? Eu comi um de salsicha de fígado com cream cheese; Charles comeu pão com geleia; Meg, um sanduíche de alface com tomate.

— Ora, deixe-me ver — ponderou a Sra. Quequeé. — É que tenho uma quedinha por caviar russo...

— A senhora olhou onde não devia! — esbravejou Charles, indignado. — Estamos guardando para o aniversário da Mãe e a senhora não vai comer!

Sra. Quequeé soltou um suspiro profundo e patético.

— Não — disse Charles. — E não dê para ela, Mãe, ou eu vou ficar muito brabo. Quem sabe uma salada de atum?

— Tudo bem — disse a Sra. Quequeé, dócil.

— Eu preparo — ofereceu-se Meg, indo buscar uma lata de atum na despensa.

*Pelo amor de Deus, pensou ela, essa velha entra sem pedir licença, no meio da noite, e a Mãe aceita como se não tivesse nada de estranho nisso. Aposto que ela é o andarilho. Aposto que foi ela quem roubou os lençóis. E ela com certeza não é gente para ficar de amizade com Charles Wallace, principalmente porque ele não fala com gente normal.*

— Estou há pouco tempo na vizinhança — disse a Sra. Quequeé, enquanto Meg desligava a luz da despensa e voltava à cozinha com o atum — e achei que não ia gostar dos vizinhos, até que o pequeno Charles apareceu com o cão.

— Sra. Quequeé, por que a senhora pegou os lençóis da Sra. Buncombe? — Charles Wallace a questionou de cara séria.

— Ora, porque eu *precisava*, querido Charles.

— A senhora tem que devolver agora mesmo.

— Mas, Charles, querido, eu *não posso*. Eu já *usei*.

— Foi muito errado da sua parte — Charles Wallace a repreendeu. — Se precisava tanto assim de lençóis, devia ter pedido para mim.

A Sra. Quequeé fez um não com a cabeça e exclamou:

— Vocês não têm lençóis sobrando. A Sra. Buncombe tem.

Meg cortou aipo e misturou ao atum. Hesitou por um instante, depois abriu a porta da geladeira e tirou um pote de pickles. *Mas por que motivo estou fazendo isso por ela, não sei*, pensou enquanto cortava os pickles. *Não confio nem um pouquinho nessa mulher.*

— Diga à sua irmã que eu sou de bem — disse a Sra. Quequeé a Charles. — Diga que tenho boas intenções.

— De boas intenções o inferno está cheio — declarou Charles.

— Ora, mas que astucioso. — A Sra. Quequeé fitou-o com carinho. — Que sorte que ele tem alguém que o entende.

— Mas temo que ele não tenha — disse Sra. Murry. — Nenhum de nós está no nível de Charles.

— Pelo menos você não tenta sufocá-lo. — A Sra. Quequeé fez sins vigorosos com a cabeça. — Você deixa que ele seja ele mesmo.

— Aqui está seu sanduíche — disse Meg, levando-o à Sra. Quequeé.

— Se importam se eu tirar minhas botas antes de comer? — perguntou a Sra. Quequeé, pegando o sanduíche mesmo assim. — Escutem. — Ela ficou subindo e descendo os pés dentro das botas para eles ouvirem o chapinhar da água. — Meus dedos estão muito molhados. O problema é que estas botas estão um pouquinho apertadas e eu nunca consigo tirar sozinha.

— Eu ajudo — ofereceu-se Charles.

— Você não. Você não tem força.

— Eu ajudo. — A Sra. Murry agachou-se aos pés da Sra. Quequeé e puxou uma das botas lustrosas. A bota saiu de repente e Sra. Murry acabou caindo sentada no chão com um baque surdo. A Sra. Quequeé desabou com a cadeira para trás, o sanduíche a salvo estendido numa das garras. Água começou a escorrer de dentro da bota e a correr pelo chão até o grande tapete de tecido trançado.

— Oh, mas que coisa — disse a Sra. Quequeé, deitada de costas na cadeira virada e com os pés para cima. Um deles com a meia de listras vermelhas e brancas; o outro, ainda na bota.

A Sra. Murry pôs-se de pé.

— Está tudo bem, Sra. Quequeé?

— Se tiver algum unguento, posso passar na minha dignidade — disse a Sra. Quequeé, ainda deitada

de costas. — Acho que estou ferida. Um pouquinho de óleo de cravo misturado com alho faz muito bem. — E deu uma bela mordida no sanduíche.

— Levante-se, por favor — disse Charles. — Não gosto de vê-la deitada aí desse jeito. A senhora está exagerando.

— Já tentou botar-se de pé com a dignidade ferida? — Mas a Sra. Quequeé mesmo assim pôs-se de pé, aprumou a cadeira e sentou-se de novo no chão, o pé com a bota estendido à sua frente. Deu outra mordida no sanduíche. Era bastante ágil para uma mulher de idade. Meg tinha alguma certeza de que ela era velha e, no caso, muito velha.

De boca cheia, Sra. Quequeé ordenou à Sra. Murry:

— Agora puxe enquanto estou no chão.

Calmamente, como se essa idosa e suas botas não fossem nada fora do comum, a Sra. Murry puxou a segunda bota até ela renunciar ao pé, que estava envolto em uma meia xadrez azul e cinza. A Sra. Quequeé permaneceu sentada, mexendo os dedinhos, contentada em terminar seu sanduíche antes de se erguer com esforço do chão.

— Ah — disse ela —, assim é muito melhor. — Então pegou as duas botas e sacudiu-as em cima da pia. — Minha barriga está cheia, estou quentinha por dentro e é hora de ir para casa.

— Não acha melhor esperar até de manhã? — perguntou a Sra. Murry.

— Ah, obrigada, queridinha, mas tenho *tanta* coisa para fazer que não posso perder tempo ficando sentada sem fazer nada.

— A noite está muito louca para andar por aí.

— Noites loucas são a minha glória — disse a Sra. Quequeé. — Foi só uma lufada que me pegou de jeito e me tirou da rota.

— Ora, pelo menos até suas meias secarem...

— Meias úmidas não me incomodam. Só não gostei dos meus pés chapinhando dentro das botas. Não se preocupe, minha carneirinha. — (Carneirinha não era uma palavra que se pensava aplicável à Sra. Murry.) — Vou ficar sentada mais um pouco, calçar as botas e, então, sigo meu rumo. Por falar em rumos, meu doce, saiba que o tesseracto *existe*, sim.

A Sra. Murry ficou muito branca, estendeu uma das mãos para trás e agarrou a cadeira para se apoiar. Sua voz saiu trêmula:

— O que disse?

A Sra. Quequeé enfiou o pé na segunda bota.

— Eu disse — resmungou ela, empurrando o pé para dentro do calçado — que o tesseracto — empurrou de novo — existe, sim. — O pé entrou na bota, e ela pegou seus lenços, cachecóis e chapéu e saiu apressada porta afora. A Sra. Murry continuou estática, sem se mexer para ajudar a idosa. Quando a porta se abriu, Fortinbrás entrou como um raio, arfante, molhado e reluzente como uma foca. Ele olhou para a Sra. Murry e ganiu.

A porta bateu.

— Mãe, qual é o problema? — gritou Meg. — O que ela falou? O que é isso?

— O tesseracto... — sussurrou a Sra. Murry. — O que ela quis dizer? Como ela sabe?

Quando Meg acordou, ao estrépito do despertador, o vento ainda soprava, mas o sol brilhava; o pior da tempestade já havia passado. Ela sentou-se na cama e sacudiu a cabeça para desanuviar.

Devia ter sido um sonho. Ela se assustara com a tempestade, estava preocupada com o andarilho e por isso sonhou que tinha descido à cozinha e visto a tal Sra. Quequeé e a mãe toda assustada e incomodada com aquela palavra... como era mesmo? Tesse tesse-sei-lá-o-quê.

Ela vestiu-se com pressa, pegou seu gatinho ainda enroscado na cama e despejou-o no chão sem fazer cerimônia. O gatinho bocejou, se esticou, deu um miado comovente e saiu a trote do sótão pela escada. Meg arrumou a cama e correu atrás. Na cozinha, a mãe preparava rabanada, e os gêmeos já estavam na mesa. O gatinho lambia leite de um pires.

— Onde está Charles? — perguntou Meg.

— Ainda está dormindo. Tivemos uma noite bem perturbada, caso não se lembre.

— Eu estava torcendo para que tivesse sido um sonho — disse Meg.

A mãe cuidadosamente virou quatro rabanadas, depois falou com voz firme:

— Não, Meg. Não torça para que seja um sonho. Eu entendi tanto quanto você, mas uma coisa que aprendi é que você não precisa entender as coisas para elas *existirem*. Desculpe por ter demonstrado que fiquei incomodada. Seu pai e eu tínhamos uma piada sobre o tesseracto.

— *O que* é um tesseracto? — perguntou Meg.

— É um conceito. — A Sra. Murry entregou o xarope aos gêmeos. — Depois eu tento lhe explicar. Não vamos ter tempo antes do colégio.

— Não entendi por que não nos acordaram — disse Dennys. — Não foi justo perdermos toda a diversão.

— Hoje vocês vão ficar mais acordados na escola do que eu.

Meg levou sua rabanada até a mesa.

— E daí? — disse Sandy. — Se vai deixar velhas andarilhas entrarem na nossa casa no meio da noite, Mãe, tem que deixar Den e eu por perto para protegê-la.

— Afinal, era isso que o Pai ia esperar de nós — complementou Dennys.

— Sabemos que você tem uma mente privilegiada e tudo mais, Mãe — disse Sandy —, mas não tem muita *noção*. E com certeza Meg e Charles também não.

— Eu sei. Somos uns patetas.

Meg estava amarga.

— Queria que você não fosse tão *boba*, Meg. *O mapple*, por favor. — Sandy esticou o braço por cima da mesa. — Você não precisa levar tudo para o lado *pessoal*. Chegue a seu *medium* contente, pelo amor de Deus. No colégio você só fica de bobeira, olhando pela janela, não presta atenção.

— Você complica a sua própria vida — disse Dennys. — E Charles Wallace, quando entrar no colégio no ano que vem, vai ser um horror. Nós sabemos que ele é inteligente, mas ele se comporta de um jeito tão estranho quando está perto dos outros, e as pessoas estão tão acostumadas a achá-lo um lerdo, que não sei o que vai acontecer com ele. Sandy e eu vamos dar porrada em quem mexer com ele, mas mais

que isso não dá para fazer.

— Vamos nos preocupar com o ano que vem no ano que vem — disse a Sra. Murry. — Mais rabanada, garotos?

• • •

No colégio, Meg estava cansada. Suas pálpebras pesavam e sua mente divagava. Na aula de estudos sociais, a professora perguntou-lhe quais eram os principais produtos de importação e exportação da Nicarágua. Embora tivesse estudado devidamente o assunto na noite anterior, ela não se lembrava de nada. A professora foi sarcástica, o resto da turma riu e ela se afundou na sua carteira, em fúria.

— E *quem* quer saber o que a Nicarágua importa ou exporta, oras? — resmungou.

— Se vai ser grosseira, Margaret, pode sair da sala — disse a professora.

— Ok, eu vou.

Meg saiu indignada.

Na hora de estudos, o diretor pediu para vê-la.

— E qual é o problema de hoje, Meg? — perguntou ele, de maneira bastante gentil.

Meg, amuada, olhava para o chão.

— Nada, Sr. Jenkins.

— A Sra. Porter disse que você foi grosseira sem motivo.

Meg deu de ombros.

— Você não percebe que essa postura só dificulta as coisas para você? — perguntou o diretor. — Meg, *eu* tenho certeza que você consegue dar conta e manter suas notas, se você se dedicar mais. Já alguns dos seus professores, não. Você vai ter que mudar. Ninguém vai mudar por você. — Ela continuou em silêncio. — E então? O que me diz, Meg?

— Eu não sei o que eu faço — respondeu ela.

— Poderia começar pelo dever de casa. Sua mãe não a ajudaria?

— Se eu pedisse, sim.

— Meg, tem alguma coisa a incomodando? Você está descontente em casa? — perguntou o Sr. Jenkins.

Meg enfim olhou para o diretor, arrumando os óculos com o movimento que lhe era característico.

— Lá em casa está *tudo bem*.

— Fico contente em saber. Mas eu sei que deve ser difícil estar longe do seu pai.

Meg fitou o diretor com desconfiança e passou a língua no arame farpado de seu aparelho de dentes.

— Você teve notícias dele?

Meg estava certa que não era apenas sua imaginação o que a fazia sentir que, por trás da fachada de preocupação do Sr. Jenkins, havia um toque de ávida curiosidade. *Ah, ele quer saber, é?*, ela pensou. *Se eu soubesse alguma coisa, a última pessoa a quem eu ia contar seria ele. Bom, uma das últimas.*

A moça do correio já deve saber que faz quase um ano desde a última carta. Sabe-se lá para quantas pessoas *ela* contou, ou que suposições indelicadas não teria feito a respeito do motivo para o silêncio prolongado.

O Sr. Jenkins ficou aguardando a resposta, mas Meg apenas deu de ombros.

— Qual era mesmo a área em que seu pai trabalhava? — perguntou o Sr. Jenkins. — Ele era um tipo de cientista, não era?

— Ele é físico.

Meg arreganhou os dentes, revelando as duas linhas ferozes do aparelho.

— Meg, você não acha que estaria mais ajustada se encarrasse os fatos?

— Eu encaro os fatos — disse Meg. — E digo ao senhor que eles são bem mais fáceis de encarar do que as pessoas.

— Então por que não encara os fatos em relação a seu pai?

— Deixe o meu pai fora disso! — berrou Meg.

— Pare de gritar — disse o Sr. Jenkins, categórico. — Quer que o colégio inteiro a ouça?

— E daí? — perguntou Meg. — Não tenho vergonha de nada que eu digo. O senhor tem?

O Sr. Jenkins deu um suspiro.

— Você gosta de ser a aluna mais belicosa e menos cooperativa do colégio?

Meg ignorou a pergunta e inclinou-se sobre a mesa, chegando mais perto do diretor.

— Sr. Jenkins, o senhor conhece minha mãe, não conhece? O senhor não pode acusá-la de não encarar os fatos, não é? Ela é cientista. Ela tem doutorado em biologia e em bacteriologia. O *trabalho* dela é lidar com fatos. Quando ela me disser que meu pai não vai voltar para casa, eu acredito. Enquanto ela disser que o Pai *vai* voltar, é nisso que eu acredito.

O Sr. Jenkins deu mais um suspiro.

— Não duvido que sua mãe queira acreditar que seu pai vai voltar para casa, Meg. Pois bem, não tenho mais o que fazer a seu respeito. Pode voltar para a sala de estudos. Procure ser menos antagônica. Quem sabe seu desempenho melhore se sua postura for mais obediente.

• • •

Quando Meg chegou em casa, sua mãe estava no laboratório, os gêmeos estavam no beisebol e Charles Wallace, o gatinho e Fortinbrás a aguardavam. Fortinbrás deu um salto, colocou as patas dianteiras nos ombros dela e lhe deu um beijo. O gatinho correu até o pires vazio e miou alto.

— Venha — disse Charles Wallace. — Vamos.

— Onde? — perguntou Meg. — Estou com fome, Charles. Não quero ir a lugar nenhum antes de comer.

Ela ainda estava aborrecida com o interrogatório do Sr. Jenkins e sua voz tinha um toque de irritação. Charles Wallace ficou observando-a, pensativo, enquanto Meg ia à geladeira. Ela serviu leite ao gatinho e depois bebeu ela mesma uma caneca.

Ele estendeu à irmã um saco de papel.

— Aqui tem sanduíche, biscoitos e uma maçã. Acho melhor irmos ver a Sra. Quequeé.

— Ai, meu Deus — disse Meg. — *Por que*, Charles?

— Você ainda fica incomodada com ela, não é? — perguntou Charles.

— Bom, sim, fico.

— Não precisa. Ela é uma pessoa boa. Eu garanto. Ela está do nosso lado.

— Como você sabe?

— *Meg* — disse ele, em tom de impaciência. — Eu *sei*.

— Mas por que temos que falar com ela agora?

— Quero saber mais sobre esse tal tesseracto. Você não viu como a Mãe ficou chateada? Você sabe que quando a Mãe não consegue controlar o que sente, quando ela deixa que nós vejamos que ela está chateada, é porque tem algo grande por trás.

Meg parou para pensar.

— Tudo bem, vamos. Mas vamos levar o Fortinbrás com a gente.

— Ora, claro. Ele tem que fazer exercício.

Eles partiram, com Fortinbrás disparando na frente, dando meia-volta até as duas crianças, depois disparando de novo. Os Murrays moravam a mais ou menos seis quilômetros do vilarejo. Atrás da casa

ficava uma floresta de pinheiros. Charles Wallace levou Meg a atravessá-la.

— Charles, você sabe que ela vai se meter numa grande encrenca... estou falando da Sra. Quequeé... caso descubram que foi ela quem invadiu a cabana assombrada, que pegou os lençóis da Sra. Buncombe e tudo mais. Podem até mandá-la para a cadeia.

— Um dos motivos pelos quais estou indo lá nesta tarde é para avisá-las.

— *Avisá-las?*

— Eu falei que ela está com duas amigas. Não tenho nem certeza se foi a Sra. Quequeé quem pegou os lençóis, embora ache que ela é perfeitamente capaz de fazer isso.

— Mas para que ela ia querer todos aqueles lençóis?

— Pretendo perguntar — disse Charles Wallace —, e avisar que elas precisam ter mais cuidado. Não creio que elas vão deixar que alguém as encontrem, mas pensei que deveríamos mencionar a possibilidade. Às vezes, nas férias, os garotos vão até lá atrás de aventuras. Mas acho que nesse momento ninguém anda disposto, com o basquete e tudo mais.

Eles caminharam mais um instante em silêncio pela floresta fragrante, com as agulhas das pinhas desbotadas e macias sob os pés. No alto, o vento fazia música entre os galhos das árvores. Charles Wallace deu a mão à Meg, transmitindo segurança. Aquele doce gesto de garotinho acalentou-a tanto que ela sentiu o nó apertado que havia dentro de si começar a soltar-se. *O que importa é que o Charles me ama*, pensou ela.

— A escola foi horrível de novo? — perguntou ele, depois de um tempo.

— Foi. Me mandaram no Sr. Jenkins. Ele fez comentários maliciosos sobre o Pai.

Charles Wallace fez um meneio carregado de sabedoria.

— Eu sei.

— *Como você sabe?*

Charles Wallace fez que não.

— Eu não consigo explicar. Você que me fala, é isso.

— Mas eu nunca falo. Parece que você sabe.

— Tudo em você me fala — disse Charles.

— E os gêmeos? — perguntou Meg. — Você sabe das coisas deles também?

— Acho que, se quisesse, eu também conseguiria saber. Caso eles precisassem de mim. Mas é algo que me deixa um pouco cansado, então me concentro em você e na Mãe.

— Quer dizer que você lê nossas mentes?

Charles Wallace parecia incomodado.

— Não acho que seja isso. É como conseguir entender um tipo de idioma. Como se, às vezes, se eu me concentrar muito, eu vou entender o que o vento fala com as árvores. Você me conta tudo, entende, meio que inad... inadvertidamente. Muito boa essa palavra, não? Pedi à Mãe que pesquisasse para mim no dicionário hoje de manhã. Preciso muito aprender a ler, mas tenho medo que minha vida no colégio, no próximo ano, seja muito complicada se eu já entrar sabendo as coisas. Acho que será melhor se as pessoas continuarem achando que não sou muito inteligente. Não vão me odiar tanto.

À frente deles, Fortinbrás começou a latir alto, aquele ladro de alerta que geralmente os avisava de um carro subindo a estrada ou da presença de alguém na porta.

— Tem alguém aqui — falou Charles Wallace enfaticamente. — Tem alguém nos arredores da casa. *Venha.*

Ele começou a correr, as pernas curtinhas fazendo grande esforço. À beira da mata, Fortinbrás estava na frente de um garoto, latindo em fúria.

Quando se aproximaram do garoto, ofegantes, ele disse:

— Pelo amor de Deus, façam seu cão parar.

— Quem é ele? — perguntou Charles Wallace a Meg.

— Calvin O’Keefe. Ele é do Colégio Regional, mas um pouco mais velho que eu. É um chatonildo.

— Está tudo bem, rapaz. Não vou machucar você — disse o garoto a Fortinbrás.

— Sente-se, Fortin — Charles Wallace deu a ordem, e Fortinbrás abaixou as ancas diante do garoto, um grunhido baixinho ainda pulsando na garganta negra.

— Certo. — Charles Wallace levou as mãos ao quadril. — Agora diga-nos o que está fazendo aqui.

— Posso fazer a mesma pergunta pra vocês — disse o garoto, que parecia um pouco indignado. — Vocês não são filhos dos Murry? Aqui não é a terra de vocês, é?

Ele começou a andar, mas o rosnado de Fortinbrás ficou mais forte e ele se deteve.

— Conte-me mais sobre ele, Meg — pediu Charles Wallace.

— O que eu vou saber? — perguntou Meg. — Ele está dois ou três anos na minha frente e faz parte do time de basquete.

— Só porque eu sou alto. — Calvin parecia um pouco envergonhado. Alto ele certamente era, e magro. Os pulsos ossudos se projetavam das mangas do casaco azul; a calça de veludo cotelê gasta tinha três dedos a menos do que precisava na parte de baixo. Tinha cabelos ruivos claros que estavam precisando de um corte e as sardas obrigatórias. Seus olhos eram de um azul estranhamente claro.

— Conte para a gente o que está fazendo aqui — disse Charles Wallace.

— O que é *isso*? Um interrogatório? Não era você que era um bobão?

Meg ficou vermelha de raiva, mas Charles Wallace respondeu com toda placidez.

— Isso mesmo. Se quer que eu segure meu cachorro, é bom abrir a boca.

— O bobão mais esquisito que eu já conheci — disse Calvin. — Só vim fugir da minha família.

Charles Wallace fez um meneio de concordância.

— Que tipo de família?

— São uns melequentos. Eu sou o terceiro de onze irmãos. Sou uma anomalia.

Diante daquilo, Charles Wallace deu um sorriso amplo.

— Eu também.

— Não estou falando de doenças — disse Calvin.

— Nem eu.

— É uma coisa da biologia — disse Calvin, desconfiado.

— *Uma alteração genética* — citou Charles Wallace — *que resulta em característica no descendente que não se manifesta nos pais, mas é potencialmente transmissível à prole daquele.*

— Mas o que aconteceu? — perguntou Calvin. — Me disseram que você não falava.

— Pensar que sou um bobão faz as pessoas se sentirem superiores — disse Charles Wallace. — Por que eu deveria acabar com essa ilusão? Quantos anos você tem, Cal?

— Catorze.

— Em que série você está?

— Primeiro ano do ensino médio. Eu sou inteligente. Escuta, alguém chamou vocês aqui, hoje?

Charles Wallace, segurando Fortin pela coleira, olhou para Calvin desconfiado.

— Como assim, *chamou*?

Calvin deu de ombros.

— Você ainda não acredita em mim, não é?

— Não *desacredito* — disse Charles Wallace.

— Então podem me dizer por que vieram aqui?

— Fortin, Meg e eu resolvemos dar uma caminhada. A gente costuma fazer isso à tarde.

Calvin afundou as mãos nos bolsos.

— Vocês estão escondendo alguma coisa de mim.

— E você também — disse Charles Wallace.

— Ok, coleguinha anômalo — disse Calvin. — Eu vou dizer o seguinte: às vezes eu tenho uma

sensação. Pode chamar de compulsão. Sabe o que significa uma compulsão?

— *Coerção. Obrigação. Quando alguém se sente compelido.* Não é uma definição muito boa, mas vem do Oxford de bolso.

— Ok, ok. — Calvin suspirou. — Tenho que lembrar que sou pré-condicionado no conceito que eu tenho da sua mentalidade.

Meg sentou-se na grama áspera à beira da mata. Fortin delicadamente puxou sua coleira das mãos de Charles Wallace e foi até Meg, deitando-se ao lado e baixando a cabeça no colo dela.

Calvin agora tentava, de maneira educada, dirigir suas palavras tanto a Meg quanto a Charles Wallace.

— Quando eu tenho essa sensação, essa compulsão, eu sempre obedeco. Não consigo explicar de onde vem ou como eu fico assim, e isso não acontece sempre. Mas eu obedeco. E hoje à tarde fiquei com a sensação de que tinha que vir à casa assombrada. É tudo que eu sei. Não estou escondendo nada. Talvez eu tivesse que encontrar vocês. Me digam vocês.

Charles Wallace olhou por um instante para Calvin de forma inquisitiva; depois veio-lhe um olhar quase fixo, como se estivesse pensando no garoto. Calvin ficou imóvel, esperando. Charles enfim falou.

— Ok. Eu acredito. Mas não posso lhe contar. Acho que gostaria de confiar em você. Talvez seja melhor vir conosco e jantar na nossa casa.

— Ora, claro, mas... o que a mãe de vocês diria? — perguntou Calvin.

— Ela ficaria encantada. A Mãe é legal. Não é uma de nós, mas é legal.

— E Meg?

— Para a Meg é difícil — disse Charles Wallace. — Ela não é nem uma coisa, nem outra.

— Como assim, *uma de nós*? — Meg quis saber. — Como assim, não sou uma coisa nem outra?

— Agora não, Meg — disse Charles Wallace. — Com calma. Eu lhe explico depois. — Ele olhou para Calvin, depois pareceu tomar uma decisão rápida. — Certo, vamos levá-lo para encontrar a Sra. Quequeé. Caso ele não seja legal, ela vai nos dizer.

Ele começou a andar com suas perninhas em direção à casa velha e dilapidada.

Metade da casa assombrada estava encoberta pelas sombras do amontoado de olmos que ficavam no entorno da construção. Os olmos se encontravam quase sem folhas e o chão em volta da casa, amarelado de folhas úmidas. A luz do fim de tarde tinha um tom esverdeado que as janelas vazias refletiam de modo sinistro. Uma persiana sem dobradiças bateu. Outra coisa rangeu. Meg nem se perguntou por que a casa tinha reputação de assombrada.

Havia uma tábuia pregada na porta da frente, mas Charles Wallace os levou até os fundos. A porta dali também parecia pregada, mas Charles Wallace bateu e ela se abriu devagar para fora, rangendo nas dobradiças tomadas pela ferrugem. No alto de um dos olmos, um corvo negro e velho deu seu grito rouco e um pica-pau começou seu trac-trac-trac insano. Um grande rato cinza remexeu-se no canto da casa, e Meg soltou um gritinho abafado.

— Elas se divertem muito usando a cenografia típica — disse Charles Wallace, com uma voz segura. — Venham. Sigam-me.

Calvin levou a mão forte ao ombro de Meg, e Fortin empurrou-se contra a perna dela. A felicidade que sentiu com a preocupação deles foi tão forte que fez o pânico dela evaporar. Ela seguiu Charles Wallace aos recônditos escuros da casa sem medo algum.

Eles adentraram uma espécie de cozinha. Havia uma lareira imensa com um grande caldeirão negro pendendo sobre fogo vivo. Como é que não se via fumaça saindo da chaminé? Alguma coisa no caldeirão borbulhava e tinha mais cheiro de um dos compostos químicos da Sra. Murry do que de comida. Sobre uma cadeira de balanço de madeira e arruinada, viram uma mulherzinha rechonchuda. Não era a Sra. Quequeé. Portanto, concluiu Meg, devia ser uma das duas amigas da Sra. Quequeé. Ela usava óculos enormes, com o dobro da espessura e do tamanho dos de Meg, e costurava compenetrada, com pontos rápidos como facadas, num lençol. Havia vários lençóis caídos no chão empoeirado.

Charles Wallace foi até ela.

— Acho mesmo que as senhoras não deveriam ter pegado os lençóis da Sra. Buncombe sem me consultar — disse ele, zangado e mandão como só um garotinho pode ser. — Para que diabo precisam deles?

A mulherzinha rechonchuda sorriu para ele.

— Ora, Charlizinho, meu doce! *Le cœur a ses raisons que la raison ne connaît point.* Francês. Pascal. *O coração tem razões que a própria razão desconhece.*

— Mas isso não tem nada a ver! — falou Charles, zangado.

— Sua mãe diria que tem. — Um sorriso pareceu brilhar em meio à rotundidade dos óculos.

— Não estou falando do que minha mãe sente pelo meu pai. — Charles Wallace a repreendeu. — Estou falando dos lençóis da Sra. Buncombe.

A mulherzinha soltou um suspiro. Os óculos descomuns refletiram a luz mais uma vez e brilharam como olhos de coruja.

— Caso precisemos de fantasmas, oras — disse ela. — Achei que você iria adivinhar. Se tivermos que afugentar alguém, Quequeé pensou que devíamos fazer do jeito certo. Por isso que é tão divertido ficar numa casa assombrada. Mas, de fato, não queríamos que você soubesse dos lençóis. *Auf frischer Tat ertappt.* Alemão. *In flagrante delicto.* Latim. *Caught in the act.* Inglês. *Pegas em flagrante.* Como eu ia dizendo...

Mas Charles Wallace ergueu a mão num gesto categórico.

— A senhora conhece este garoto, Sra. Quem?

Calvin fez uma mesura.

— Boa tarde, senhora. Acho que não entendi seu nome.

— Sra. Quem serve — disse a mulher. — Ele não foi ideia minha, Charlizinho, mas acho que é um bom rapaz.

— Onde está a Sra. Quequeé? — perguntou Charlie.

— Ocupada. A hora vem chegando, Charlizinho, a hora vem chegando. *Ab honesto virum bonum nihil deterret.* Sêneca. *Nada impede o homem de bem de fazer o certo.* E ele é um homem muito bom, querido Charlizinho, mas no momento precisa da sua ajuda.

— Quem precisa? — Meg quis saber.

— Ah, pequena Meguinha! Que prazer conhecê-la, meu doce. Seu pai, é claro. Agora, para casa, amores. A hora ainda não chegou. Não se preocupem, não vamos partir sem vocês. Juntem bastante comida e descansem. Alimentem Calvin. Agora, xô daqui! *Justitiæ soror fides.* Latim de novo, é claro. *A fé é irmã da justiça.* Confiem em nós! Agora, xô! — Ela levantou-se da cadeira e afugentou-os até a porta com uma potência inesperada.

— Charles — disse Meg. — Eu não entendi.

Charles pegou a irmã pela mão e arrastou-a da casa. Fortinbrás foi correndo na frente, e Calvin vinha logo atrás dos dois.

— Nem eu — disse ele. — Não muito. Vou lhe contar o que eu sei assim que puder. Mas você viu o Fortin, não viu? Nem um rosnado. Nem se eriçou. Como se não houvesse nada de estranho naquilo. De um jeito que você sabe que está tudo bem. Vocês dois, me façam um favor. Só vamos falar disso depois de comer alguma coisa. Preciso de combustível para organizar e assimilar as coisas.

— Mostre o caminho, bobão — gritou Calvin, alegremente. — Nunca cheguei a ver onde vocês moram, mas eu tenho a estranha sensação de que é a primeira vez na vida que vou para casa!

Na floresta, a noite já começava a cair. Eles caminhavam em silêncio. Charles e Fortinbrás iam à frente, cabriolantes. Calvin andava ao lado de Meg, os dedos dele tocando levemente o braço dela, num gesto protetor.

*Esta foi a tarde mais impossível e mais confusa da minha vida, pensou, mas não me sinto mais confusa, nem triste; só me sinto contente. Por que será?*

— Talvez não fosse mesmo para termos nos conhecido antes — disse Calvin. — Quer dizer, eu sabia quem você era no colégio e tudo mais, mas não a conhecia. Fiquei contente que agora nos conhecemos, Meg. Vamos ser amigos, sabe?

— Também fiquei feliz — balbuciou Meg, antes de eles voltarem ao silêncio.

Quando eles chegaram em casa, a Sra. Murry ainda estava no laboratório. Ela observava um fluido azul e pálido se mexendo bem devagar dentro de um tubo, que saía de uma proveta para uma retorta. Uma grande travessa de cerâmica com ensopado borbulhava sobre um bico de Bunsen.

— Não contem ao Sandy e ao Dennys que vim cozinhar aqui — disse ela. — Eles sempre ficam achando que os químicos vão contaminar a carne. Mas eu queria cuidar desse experimento.

— Mãe, este é o Calvin O'Keefe — disse Meg. — Tem o suficiente para ele também? O cheiro está ótimo.

— Olá, Calvin. — A Sra. Murry cumprimentou-o com um aperto de mão. — Um prazer conhecê-lo. Hoje só teremos ensopado, mas é dos bem grossos.

— Parece excelente — disse Calvin. — Posso usar o telefone para avisar minha mãe onde estou?

— É claro. Você mostra onde é, Meg, por favor? Peço para não usar o daqui, se não se importar. Queria terminar o experimento.

Meg mostrou o caminho pela casa. Charles Wallace e Fortinbrás haviam ido na frente. Lá fora, ela ouvia Sandy e Dennys martelando o forte que construía no alto de um bordo.

— Por aqui.

Meg passou da cozinha para a sala de estar.

— Não sei por que eu ligo para ela quando não vou para casa — disse Calvin, com a voz amarga. — Ela nem ia notar. — Suspirou e discou. — Mãe? — disse. — Ah, Hinky. Avise a mãe que vou voltar mais tarde. E não esqueça. Não quero ficar trancado na rua de novo. — Ele desligou e olhou para Meg. — Você tem noção da sorte que tem?

Ela deu um sorriso muito torto.

— Normalmente, não.

— Uma mãe dessas! Uma casa dessas! Nossa, sua mãe é tão linda! Tinha que ver a minha. Ela perdeu todos os dentes de cima. O papai comprou uma dentadura, mas ela não usa. Ela quase nunca penteia o cabelo. Não que faça muita diferença quando penteia. — Ele cerrou os punhos. — Mas eu amo minha mãe. Isso que é o estranho. Amo todos eles e eles não dão a mínima para mim. Acho que é por isso que eu ligo quando não vou pra casa. Porque eu me importo. E ninguém mais se importa. Você não sabe a sorte que tem de ser amada.

Meg falou como se estivesse assustada.

— Acho que nunca pensei desse jeito. Achei que todo mundo era assim e pronto.

Calvin pareceu ficar triste; mas logo depois o enorme sorriso voltou a iluminar seu rosto.

— Muita coisa vai acontecer, Meg! Coisas legais! Eu tenho esse pressentimento! — Ele começou a vagar pela sala de estar, prosaica mas aconchegante. Parou diante de um retrato no piano, com um grupelho de homens de pé numa praia. — Quem são?

— Ah, um bando de cientistas.

— Onde?

Meg chegou mais perto da foto.

— No Cabo Canaveral. Esse é o Pai.

— Qual?

— Este.

— O de óculos?

— Arrã. O que não foi no cabeleireiro. — Meg deu uma risadinha. O prazer de mostrar a foto a Calvin fazia ela esquecer das aflições. — O cabelo dele é mais ou menos da mesma cor que o meu e ele sempre esquece de cortar. A Mãe acaba cortando para ele porque ele não consegue parar e ir no barbeiro. Ela até comprou tesouras, essas coisas.

Calvin ficou analisando a foto.

— Gostei dele — anunciou, em tom ponderado. — Parece um pouco o Charles Wallace, não parece?

Meg riu de novo.

— Quando o Charles era bebê ele era *igual* ao Pai. Era muito engraçado.

Calvin continuou olhando a foto.

— Ele não é bonito nem nada. Mas gostei dele.

Meg se zangou.

— Ele é bonito, sim.

Calvin fez não com a cabeça.

— Que nada. Ele é alto e magrelo, que nem eu.

— Bom, eu acho você bonito — disse Meg. — Os olhos do Pai são parecidos com os seus. Você viu. Bem azuis. Só que os deles não dá para notar tanto por causa dos óculos.

— E onde ele está?

Meg se retesou. Mas não precisou responder, pois a porta do laboratório para a cozinha bateu e a Sra. Murry entrou, trazendo a travessa do ensopado.

— Agora, vou terminar isso aqui como devia, no fogão. Já fez o dever de casa, Meg? — disse ela.

— Não tudo — respondeu Meg, voltando à cozinha.

— Tenho certeza de que Calvin não vai se importar se você terminar antes do jantar.

— Claro, vai lá. — Calvin procurou algo no bolso e tirou um papel dobrado. — Aliás, eu tenho que terminar umas coisinhas também. Matemática. Nessa eu ando com dificuldade. Eu sou bom em qualquer coisa com palavras, mas com números, não me dou bem.

A Sra. Murry deu um sorriso.

— Por que não pede ajuda à Meg?

— Mas é que estou várias séries à frente da Meg.

— Convide a Meg para ajudá-lo mesmo assim — sugeriu a Sra. Murry.

— Bom, é claro — disse Calvin. — Tome. Mas é bem complicado.

Meg alisou o papel e ficou analisando.

— Interessa para eles *como* você resolve? — perguntou ela. — Quer dizer: você pode resolver do seu jeito?

— Bom, é claro, desde que eu entenda e dê a resposta certa.

— Pois é, é que *nós* temos que fazer do jeito *deles*. Veja só, Calvin: você percebe como seria mais fácil fazer *desse* jeito?

O lápis dela passou voando pelo papel.

— Ei — disse Calvin. — Ei! Acho que eu entendi. Mostre para mim de novo, agora com outro problema.

O lápis de Meg correu de novo.

— Você só tem que lembrar que cada fração ordinária pode ser convertida em fração decimal periódica e infinita. Viu? Então,  $3/7$  é 0,428571.

— Que família mais doida. — Calvin sorriu para ela. — Imagino que eu deveria parar de me surpreender, mas era para você ser a lerdinha do colégio, a que sempre chamam para conversar na diretoria.

— Ah, mas me chamam.

— O problema que a Meg tem com a matemática — interveio rápido a Sra. Murry — é que ela e o pai brincavam com números, por isso a Meg aprendeu muitos atalhos. E aí, no colégio, quando querem que ela resolva os problemas pelo caminho mais longo, ela fica emburrada, teimosa e cria um bloqueio.

— Tem outros bobões que nem a Meg e o Charles por aí? — perguntou Calvin. — Se tiver, eu queria conhecer.

— Também ajudaria se a letra da Meg fosse legível — disse a Sra. Murry. — Geralmente eu consigo decifrar, mas com muita dificuldade. Duvido que os professores consigam ou se disponham. Quero dar uma máquina de escrever para ela no Natal. Pode ser que ajude.

— Se eu acertar tudo, ninguém vai acreditar que fui eu — disse Meg.

— O que é um megaparsec? — perguntou Calvin.

— É um dos apelidos que o Pai me deu — disse Meg. — E também é 3,26 milhões de anos-luz.

— O que é  $E = mc^2$ ?

— A equação de Einstein.

— O que é o E?

— Energia.

— O m?

— Massa.

— E o  $c^2$ ?

— O quadrado da velocidade da luz em centímetros por segundo.

— Que países fazem fronteira com o Peru?

— Não tenho a mínima ideia. Eu acho que fica em algum lugar da América do Sul.

— Qual é a capital de Nova York?

— Ora, claro que é Nova York!

— Quem escreveu *A Autobiografia de Benjamin Franklin*?

— Ah, Calvin, eu não sou boa em Literatura.

Calvin deu um resmungo e virou-se para a Sra. Murry.

— Entendi o que a senhora disse. Eu não queria ser professor dela.

— Concordo que ela é um pouco bronca — disse a Sra. Murry —, mas os culpados disso somos eu e o pai dela. Ela ainda gosta de brincar de boneca, porém.

— Mãe! — Meg soltou um guincho de agonia.

— Ah, querida, desculpe — reagiu rapidamente a Sra. Murry. — Mas tenho certeza de que Calvin me entendeu.

Com um gesto repentinamente empolgado, Calvin abriu bem os braços, como se fosse abraçar Meg e a mãe, a casa inteira.

— Como foi que isso tudo aconteceu? Não é uma maravilha? Parece que eu acabei de nascer! Não sou

mais sozinho! Vocês percebem o que isso significa para mim?

— Mas você é bom no basquete e tal! — protestou Meg. — Você vai bem no colégio. Todo mundo gosta de você.

— Pelos motivos mais insignificantes — disse Calvin. — Não tem ninguém no mundo com quem eu consiga conversar. Claro que eu sou funcional no mesmo nível que todo mundo. Eu sei me conter. Mas não sou eu.

Meg juntou vários garfos da gaveta e ficou olhando para eles enquanto os girava.

— Estou toda confusa de novo.

— Ah, eu também — disse Calvin, alegre. — Mas pelo menos agora sei que estamos chegando a algum lugar.

• • •

Meg ficou contente e até um pouco surpresa que os gêmeos se animaram com a presença de Calvin no jantar. Eles sabiam mais da reputação esportiva do convidado e ficaram muito mais impressionados do que ela. Calvin comeu cinco tigelas de ensopado, três pires de gelatina e uma dúzia de biscoitos. Depois, Charles Wallace insistiu para que Calvin levasse-o para a cama e lesse para ele. Os gêmeos, que haviam terminado o dever de casa, tiveram permissão para assistir meia hora de TV. Meg ajudou a mãe com os pratos e depois sentou-se na mesa para brigar com o dever de casa. Mas não conseguia se concentrar.

— Mãe, você está chateada? — perguntou ela, de repente.

A Sra. Murry tirou os olhos da revista científica inglesa que estava folheando. Por um instante, não disse nada. E então:

— Estou.

— Por quê?

A Sra. Murry fez uma pausa de novo. Ela estendeu e fitou as mãos. Eram compridas, fortes e bonitas. Com os dedos da direita, ela tocou a aliança de ouro grossa no terceiro dedo da esquerda.

— Sabe, eu ainda sou bem jovem — ela enfim falou —, mas eu entendo que isso é difícil para vocês, crianças, compreenderem. E ainda sou muito apaixonada pelo seu pai. Sinto uma saudade tremenda.

— E você acha que isso tudo tem a ver com o Pai?

— Acho que deve ter.

— Mas como?

— Isso eu não sei. Mas parece ser a única explicação.

— Você acha que as coisas sempre têm explicação?

— Sim. Acredito que sempre têm. Mas acho que, dentro das nossas limitações de ser humano, nem sempre somos capazes de entender as explicações. Mas, veja bem, Meg: não é porque não entendemos alguma coisa que essa explicação não existe.

— Eu gosto de entender as coisas — disse Meg.

— Todo mundo gosta. Mas nem sempre é possível.

— Charles Wallace entende mais que nós, não é?

— Entende.

— Por quê?

— Acho que por ele ser... bom, porque ele é diferente, Meg.

— Diferente como?

— Não sei bem. Você sabe que ele não é igual a todo mundo.

— Não é. E nem quero que ele seja — disse Meg, na defensiva.

— Nosso querer não faz diferença. Charles Wallace é o que é. Diferente. Inédito.

— Inédito?

— Sim. É o que eu e seu pai achamos.

Meg torceu o lápis tão forte que ele quebrou. Ela riu.

— Desculpe. Não queria destruir nada. Só quero entender direito.

— Eu sei.

— Mas Charles Wallace não *parece* diferente de ninguém.

— Não, Meg, mas as pessoas são mais que a aparência. A diferença de Charles Wallace não é física. É na essência.

Meg deu um forte suspiro, tirou os óculos, girou-os na mão e levou-os ao rosto de novo.

— Bom, eu sei que Charles Wallace é diferente e sei que ele tem algo a *mais*. Acho que vou ter que aceitar sem entender.

A Sra. Murry sorriu para ela.

— Talvez seja exatamente isso que eu queria esclarecer.

— Arrã — disse Meg, ainda em dúvida.

A mãe sorriu de novo.

— Talvez seja por isso que nossa visita da noite passada não tenha me causado surpresa. Talvez seja por isso que eu consigo ter uma propensão a suspender a descrença. Por causa de Charles Wallace.

— Você é igual ao Charles? — perguntou Meg.

— Eu? Nossa, não! Eu fui abençoada com uma inteligência acima da média e com mais oportunidades que muita gente, mas nada em mim foge do molde mais corriqueiro.

— Você é linda — disse Meg.

A Sra. Murry riu.

— Você só não teve base para comparar, Meg. Sério, eu sou bastante comum.

Calvin O'Keefe, que vinha entrando, disse:

— Rá, rá.

— O Charles está na cama? — perguntou a Sra. Murry.

— Sim.

— O que você leu pra ele?

— O Gênesis. Ele que escolheu. A propósito, o que era o experimento no qual a senhora estava trabalhando à tarde?

— Ah, uma coisa que eu e meu marido vínhamos armando. Não quero estar *tão* defasada quando ele voltar.

— Mãe — aproveitou Meg —, Charles disse que eu não sou uma coisa, nem outra, nem carne, nem frango, nem peixe.

— Ah, pelo amor de Deus! — disse Calvin — Você é *Meg*, não é? Venha, vamos dar uma caminhada.

Mas Meg não ficou satisfeita.

— E o que você acha de Calvin? — perguntou ela à mãe.

A Sra. Murry riu.

— Não quero achar nada do Calvin. Gosto muito dele e fico feliz que ele tenha achado o caminho até nossa casa.

— Mãe, você ia me explicar sobre o tesseracto.

— Sim. — Uma inquietação subiu aos olhos da Sra. Murry. — Mas agora não, Meg. Agora não. Vá caminhar com Calvin. Vou subir para dar um beijo em Charles e depois tenho que botar os gêmeos na cama.

Lá fora, a grama estava molhada pelo orvalho. A lua estava a meio caminho no céu e ofuscava as estrelas em um amplo arco. Calvin estendeu a mão e tomou a de Meg com um gesto simples e amigável,

tal como o de Charles Wallace.

— Você deixou sua mãe triste? — perguntou ele, com delicadeza.

— Acho que *eu* não. Mas ela está chateada.

— Por quê?

— Por causa do Pai.

Calvin conduziu Meg pelo gramado. As sombras das árvores se encontravam compridas e tortas. O ar estava com um cheiro doce, forte, outonal. Meg tropeçou quando o solo repentinamente declinou colina abaixo, mas a mão forte de Calvin não deixou que ela caísse. Eles passaram com cuidado pela horta dos gêmeos, achando um caminho entre fileiras de repolho, beterraba, brócolis e abóboras. À esquerda deles assomavam grandes talos de milho. À frente, um pequeno pomar de macieiras delimitado por um muro de pedra. Mais à frente, depois do muro, a floresta por onde haviam caminhado naquela tarde. Calvin assumiu a dianteira até o muro e sentou-se lá, seu cabelo ruivo brilhando em tons de prata ao luar, seu corpo manchado com os desenhos que o emaranhado de galhos projetava. Ele estendeu a mão, puxou uma maçã de um galho retorcido e entregou-a para Meg, depois pegou uma para si.

— Me conte do seu pai.

— Ele é físico.

— Claro, isso todo mundo sabe. E dizem que ele deixou a sua mãe e saiu com uma senhora aí.

Meg pulou da pedra na qual estava empoleirada, mas Calvin segurou seu pulso e puxou a menina de volta.

— Calma, garota. Eu não falei nada que você já não tivesse ouvido, né?

— Não — respondeu Meg, mas continuou a tomar distância. — Me solte.

— Ora, calma. *Você* sabe que isso não é verdade, *eu* sei que isso não é verdade. E como que *alguma* pessoa, depois de ver sua mãe uma vez na vida, ia acreditar que um homem trocaria ela por outra mulher? Isso só demonstra o que a inveja faz com as pessoas. Não é?

— Acho que sim — disse Meg. Mas sua felicidade já havia escapado e ela estava de volta ao atoleiro da raiva e do ressentimento.

— Olha aqui, boboca. — Calvin lhe deu um cutucão gentil. — Eu só quero entender as coisas, quem sabe separar fato e ficção. Seu pai é físico. Isso é um fato, certo?

— Certo.

— Ele tem sei lá quantos doutorados.

— Tem.

— Ele geralmente trabalha sozinho, mas passou um tempo no Instituto de Estudos Avançados de Princeton. Correto?

— Sim.

— Então ele fez umas coisas para o governo, não fez?

— Fez.

— A partir daí é com você. Só sei até aí.

— É praticamente tudo que eu sei também — disse Meg. — Talvez a Mãe saiba mais. Não sei. O que ele fazia era... bom, é o que eles chamam de Confidencial.

— Ultrassegredo, você quer dizer?

— Isso mesmo.

— E você nem tem ideia do que era?

Meg fez que não com a cabeça.

— Não. Não muita. Só uma ideia por conta do lugar onde ele estava.

— E onde era?

— Teve um tempo no Novo México; nós fomos; depois ele foi para a Flórida, no Cabo Canaveral, e nós também fomos. E aí ele ia passar um tempo viajando bastante, por isso viemos para cá.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Dobra No Tempo" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).